

O DOCUMENTÁRIO POPULAR COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL*

*Leile Silvia Candido Teixeira
Raquel Santos Sant'Ana*

Introdução

Esse texto apresenta a metodologia de produção de documentário popular desenvolvida no âmbito da extensão universitária em Serviço Social, especificamente, no Laboratório de Ensino Pesquisa e Extensão Questão Agrária em Debate (Qade) da Escola de Serviço Social da (UFRJ) e no Núcleo Agrário Terra e Raíz (Natra) da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, *campus* da UNESP.

Como instrumento didático-pedagógico, a produção do documentário popular torna-se uma atividade que articula ensino, pesquisa e extensão de uma forma única, desde a escolha do tema, a aprendizagem de elementos da técnica fílmica, a pesquisa e o estudo sistemático sobre o tema que se quer documentar.

Nessa experiência que relataremos, o trabalho de extensão se solidifica por meio do aprofundamento da relação dos sujeitos envolvidos com a história que se quer registrar, permitindo aos/às estudantes um mergulho profundo na formação social, econômica e política brasileira. O documentário cumpre também a finalidade de fazer um registro histórico que, dificilmente, seria feito de outra forma, visto que os processos sociais não são registrados na historiografia oficial.

No trabalho que desenvolvemos há uma dimensão fundamental, que é a educação popular e, com isto, a própria definição de extensão, com seu conteúdo semântico, é revisitada criticamente. Transmuta-se o seu significado de estender algo a alguém que está fora: a extensão universitária como forma de levar para os que não acessam a universidade o conteúdo criado por ela, ganhando uma dimensão de comunicação popular (Freire, 1983).

Nesta perspectiva, a universidade sai de seus muros reais e simbólicos e vai aprender com a história do povo brasileiro, vai se comunicar, falar e ouvir, experimentar, compreender e, por fim, apreender o conhecimento que está contido na vida cotidiana de trabalhadores/as e camponeses/as (Heller, 2004).

E, assim, a extensão se constrói como um processo educativo-comunicativo que retroalimenta a formação universitária, proporcionando uma apreensão da formação sócio-histórica nacional e da conjuntura da luta de classes. Logo, forma sujeitos que conhecem os dilemas e conflitos das classes trabalhadoras e, assim, alcançam condições teórico-metodológicas, técnico-operativas e ético-políticas para pensar e atuar, refletindo e propondo transformações efetivas na sociedade.

Essa metodologia foi desenvolvida no âmbito de projeto de extensão da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e aprofundada junto a um Núcleo de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Ciências

*DOI – 10.29388/978-65-86678-92-5-0-F.113-128

Humanas e Sociais de Franca, *campus* da Unesp. Portanto trata-se de um trabalho desenvolvido no âmbito da extensão universitária em Serviço Social, com ênfase na Questão Agrária, Alimentar e Camponesa.

O primeiro documentário realizado pelo projeto teve como título: *Inventamos ou erramos: poder popular em Torres-Venezuela*, e foi realizado em conjunto com o Núcleo de Solidariedade Técnica (Soltec) da UFRJ. Esse documentário, fruto da tese de doutorado de Felipe Addor (2016), teve um primeiro movimento de gravações realizado em 2011, quando da coleta de dados para o estudo em questão. Posteriormente, um segundo momento de entrevistas e atualização das informações, em 2015, com a participação de estudantes vinculados a ambos projetos envolvidos. A edição foi realizada entre 2016 e 2017. Em 2017, o documentário foi apresentado na Venezuela para as pessoas envolvidas no processo e finalizado em 2018.

A esse processo somou-se a experiência de desenvolvimento do documentário *Abpess – 70 anos*, realizado a pedido da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (Abepss). Esse documentário comemorativo dos 70 anos da entidade foi realizado pela comissão de trabalho do projeto TV Abepss. As gravações e a edição ocorreram nos 3 meses finais do ano de 2016. Nesse período, parte do trabalho foi realizado em Franca/SP, já que a sede da Gestão da Abepss estava na Unesp/Franca.

Foi nesse período que iniciamos o diálogo para a construção de um documentário sobre a vida do Seu Pedro Sebastião Rocha, do assentamento “17 de Abril”, em Restinga, município próximo à Franca, no interior do estado de São Paulo. O Natra desenvolve um trabalho em assentamentos e acampamentos coordenados pelo Movimento de Trabalhadores Sem-Terra (MST) da região desde 1999. Nestes anos de trabalho consecutivos, vários registros da luta e do trabalho do assentamento já haviam sido realizados pelo grupo, mas sempre voltados para o público acadêmico em forma de artigos, capítulos de livros e trabalhos de conclusão de curso. O grupo sentia a necessidade e o desejo de registrar – com um documentário de cunho popular – a trajetória de algumas lideranças, dentre elas, e especialmente, a de Seu Pedro, pois ela expressa a luta do povo brasileiro. Por outro lado, ele carrega em si uma capacidade única de narrar histórias.

Foi no período de construção do documentário sobre a vida de Seu Pedro, em conjunto com as duas extensões universitárias, que amadurecemos a metodologia de realização de documentário que apresentamos nesse texto.

Vem! Entre na experiência de documentário popular, deixe-se tomar pelos seus dilemas, encante-se com as suas riquezas, inspire-se nas suas resistências!

De que território estamos falando?

O documentário *Pedro Rocha-Xapuri: a luta não para* foi, portanto, proposto em 2016. O desejo de realizar o trabalho foi sendo acalentado pelos dois grupos, que seguiram também articulando pesquisas e extensão. A primeira conversa com Seu Pedro para consultá-lo sobre a possibilidade de fazermos, conjuntamente, o documentário aconteceu em 2018. Ao apresentarmos a ideia de registrar suas

memórias, Seu Pedro respondeu que era necessário registrar, pois a geração dele havia lutado muito pelas conquistas que o povo brasileiro teve até 2016, e essas conquistas estavam sendo perdidas muito rapidamente. Na ocasião, dizia seu Pedro, as novas gerações terão uma tarefa árdua de conquistar, novamente, esses direitos. Conhecer o processo de luta que a geração dele desenvolveu era imprescindível. Com o aval do seu Pedro e sua vontade de participar do projeto, organizamos o grupo de estudantes que faria parte do trabalho na UFRJ e na UNESP.

O trabalho começou com as oficinas de capacitação dos/das estudantes para que eles/elas participassem de todo o processo: elaboração de roteiro, gravação, captação de som, arquivamento e organização do material, edição e apresentação, grupo de estudos e pesquisa. Na proposta original, as gravações seriam feitas no assentamento “17 de Abril”, em Restinga, e na Unesp de Franca, onde acontece o Espaço Agroecológico. A formação dos/das estudantes seria realizada por meio de oficinas e atividades práticas, além de grupo de estudos e pesquisa sobre os temas necessários ao documentário.

O Espaço agroecológico é uma atividade de extensão universitária construída pelo Natra e que envolve a proposição de rodas de conversa sobre temas relacionados à questão agrária, concomitantemente, à comercialização direta dos produtos da reforma agrária para a comunidade acadêmica e entorno. Nesse espaço, seu Pedro realiza a venda de seus produtos.

O assentamento “17 de Abril” foi uma ocupação realizada em conjunto pelo Sindicato dos Sapateiros de Franca, pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) e pelo MST. Os trabalhadores ocuparam a terra na virada do ano de 1997 para 1998. O terreno da Fazenda Boa Sorte era um horto florestal da Empresa Estatal Ferrovias Paulistas S/A (Fepasa), do Estado de São Paulo, com 3.025 hectares de área. Nela se plantava, especialmente, eucalipto. Mas a terra estava abandonada há anos. A produção de eucaliptos servia para a construção dos batentes das antigas estradas de ferro. Na área da fazenda, havia uma estação de trem de ferro que servia ao escoamento da produção; suas ruínas ainda podem ser vistas no local, assim como a ponte de ferro e a antiga sede, atestando a deficiência do governo na gestão dos recursos públicos.

A ocupação foi alvo de um despejo policial. Logo nos primeiros meses um significativo aparato policial cercou a propriedade. Colocados à margem da Estrada, o movimento teve apoio do prefeito à época que assistiu aos militantes. Com a organização e pressão do movimento, a terra foi desapropriada em 1999. Pesou nessa decisão o abandono e o mau uso do solo pelo Estado de São Paulo, o que configurava que a fazenda não cumpria sua função social constitucional.

Decidiu-se nomear o assentamento de “17 de Abril”, que também é o dia internacional de luta camponesa em homenagem aos 21 mortos do massacre de Eldorados dos Carajás¹. O assentamento “17 de Abril”, em Restinga, em si, já justificaria o documentário. É perceptível a diferença existente entre a área do assentamento e o que está em volta. A terra na qual se encontram os assentados está repleta de árvores, de plantios diversificados, de criações de animais. Enfim, a

¹ Em 1996, em uma ação do Estado do Pará, a polícia matou 21 trabalhadores Sem-Terra. Sobre o massacre de Eldorado dos Carajás ver Rocha (2019).

pluriatividade desenvolvida traz uma nova paisagem para o lugar. Com isto, distingue-se do seu entorno, dominado pelo plantio da cana-de-açúcar. No assentamento, há ainda uma escola rural, um posto de saúde, uma sede de cooperativa, um pequeno estabelecimento comercial, um centro social e duas igrejas; neste território camponês reconstruído, seguem vivendo 147 famílias que retiram da terra seu sustento.

Mas a trajetória de seu Pedro tem outros elementos importantes que revelam e ilustram a formação sócio-histórica brasileira e as desigualdades de classe. Seu Pedro é migrante cearense que, na década de 1970, mudou-se para São Paulo com o sonho de chegar ao Acre e ali ter seu pedaço de terra, viver do seu trabalho em conjunto com sua família. Nesse período, ele acreditava que o caminho mais curto para chegar ao Acre era via São Paulo. Nesse percurso, trabalhou em diversos lugares, inclusive na indústria metalúrgica, e chegou ao Acre, em 1977, no bojo da organização do Sindicato dos Seringueiros e Trabalhadores Rurais de lá. Foi vice-presidente do sindicato, em Xapuri-AC, e esteve vinculado, assiduamente, à luta pela preservação do trabalho e da floresta ao lado de Chico Mendes e de outros nomes fundamentais, como Raimundo Mendes (Grybowski, 1998; Rodrigues, 2009). De fato, Seu Pedro deixa Xapuri e vai para São Paulo logo após o assassinato de Chico Mendes, em 1988, pois corria risco de morte. Na década seguinte, chega à Franca-SP e se envolve na luta pela terra.

Contar a história da vida de seu Pedro é, na verdade, buscar a trajetória de luta do povo brasileiro, por sobrevivência, por acesso à terra, por trabalho, pela preservação da floresta, por dignidade. Nesse caminho, as violências e o confronto com o latifúndio são inevitáveis. Mas as conquistas também são reveladoras.

A proposta do trabalho documental foi registrar essas memórias: memórias de um povo de luta, memórias da bravura do povo brasileiro, memória dos companheiros que tomaram pelo caminho e que, como sementes, seguem germinando nos corações de todos que lutam por uma vida comum, coletiva, com preservação da natureza e sem discriminação de qualquer ordem. É, também, o registro da luta pelo trabalho: atualmente, Seu Pedro vive do seu pedaço de terra, com sua família. Planta, colhe, comercializa seus produtos, cuida da natureza e segue organizando a luta, já que, para ele, “a luta não para”.

Essa experiência de sair do livro, do texto acadêmico, da sala de aula, dos muros universitários e entrevistar os sujeitos que construíram a história do país proporciona outro nível de profundidade na formação universitária, pois permite construir sínteses entre teoria e prática imprescindíveis. O processo de pensar o roteiro, gravar, assistir e reassistir as gravações, discuti-las, editar, montar, pensar trilha sonora, selecionar material de apoio, é um mergulho profundo no tema, que proporciona um método eficiente para consolidar conhecimentos e perspectiva de leitura crítica da realidade.

Para iluminar a reflexão

A elaboração do documentário tem como primeiro passo a pesquisa sobre os temas relacionados ao seu conteúdo. Nesse aspecto, o documentário serve muito ao ensino e à pesquisa acadêmica. No período de feitura do documentário *Pedro Rocha-Xapuri*, articulamos um grupo de estudos com os estudantes com os temas: agroecologia, feminismo, campesinato, luta pela terra. Desse conjunto de estudos, o que ficou muito candente foi a relevância do trabalho feminino para as famílias camponesas e, ao mesmo tempo, sua invisibilidade. A constatação da presença contínua da projeção das lideranças masculinas e a dificuldade de compreensão do trabalho feminino no campo orientaram, politicamente, a construção do roteiro que buscou, a todo tempo, a influência e a presença das mulheres na vida de Seu Pedro, especialmente expressa na história de sua esposa Dona Alberina, que fizemos questão de entrevistar e destacar na narrativa da história. Sobre o estudo acerca do feminismo camponês destacamos os livros de Siliprandi (2015) e de Neves e Medeiros (2013).

Também ficou em evidência o campesinato como classe social e os elementos explicativos da história da luta pela terra no Brasil, elementos que desmistificam o lugar da passividade do povo brasileiro, eixo que se tornou importante nos nossos estudos.

É importante registrar que a história é contada por quem venceu. Assim, na luta de classes, o registro histórico, raríssimas vezes, referenda as estratégias de luta do povo trabalhador. É dessa forma que nos ensinaram nossa história a partir de uma interpretação de que os portugueses trouxeram a civilização para os povos originários que viviam nessas terras, e que eles eram preguiçosos e não se permitiam à escravização. Uma perspectiva contrária a essa leitura pode ser vista em Leonardi (2016) e Ribeiro (2017). Registra-se nos livros de história que a abolição da escravidão foi feita à revelia dos escravizados e de suas lutas e resistências. Ao contrário disso, consultar Moura (2014a e 2014b), Costa (2010) e Reis (2012).

Para nós, o documentário popular constitui-se como uma forma de registro da história da luta social. É uma maneira de registrar a memória de luta e resistência do povo. E pode ser feito de diversas formas, dentre elas, destacamos: 1) documentários que reúnem a equipe de trabalho com os sujeitos que contarão a história, em um único grupo de trabalho, como é o caso de *Cabra Marcado para Morrer* (Coutinho, 1964-1984) ou *O Prisioneiro da Grade de Ferro* (Sacramento, 2003); 2) o documentário pode ser ainda um registro da história de lutas, como o que apresentamos aqui; 3) pode ser registro da vida de sujeitos populares, como o documentário *De Quando em Vez* (Lima, 2017); 4) pode ser um instrumento de divulgação, como o documentário *Energia do Sol, Tecnologia do Povo* (MAB, 2011).

Seguimos, então, para a metodologia que orienta esse trabalho, que é sustentada na história oral. Para a construção desse documentário, fizemos oficinas de história oral e leituras sobre o tema. A história oral, como metodologia de pesquisa e de apreensão do real, parte da mesma perspectiva de leitura da história que expomos anteriormente, ou seja, a perspectiva que constata que a historiografia

oficial é contada por quem venceu os processos sociais, logo, a burguesia, as classes dominantes.

Raríssimas vezes nota-se, nesse registro, a história da luta de classes e as estratégias de enfrentamento articuladas pelo povo e pelas classes trabalhadoras, camponesas. É necessário, então, escovar a história à contrapelo, como dizia Walter Benjamim (1994): contá-la apanhando as contradições, buscar a narrativa dos trabalhadores e trabalhadoras, camponeses e camponesas, dos povos originários, dos escravizados e escravizadas, ir atrás do que as elites querem que seja silenciado, ou seja, o registro do movimento da luta de classes, da perspectiva dos/as trabalhadores/as e camponesas/as. Logo, a história oral tem uma dimensão ético-política inerente a ela.

Na metodologia da história oral, uma categoria é fundamental: a memória. A memória é social, porém é um processo individual – apenas os indivíduos são capazes de guardar lembranças. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias, sobrepostas. Mas em nenhuma hipótese as memórias de duas pessoas são, assim como as impressões digitais, vozes idênticas. A história oral apresenta a realidade como um mosaico, como uma colcha de retalhos (Portelli, 1997).

No documentário popular, é tarefa do/a diretor/a conduzir a entrevista no caminho da história oral. É possível, também, buscar alguém de referência para o entrevistado/a para que tenha condições de contar melhor sua história, ou seja, quem faz a entrevista precisa ter ou criar vínculo com o sujeito ou sujeitos que narrarão a história.

Ainda sobre a memória, é importante ressaltar que esta, raríssimas vezes, aparece imediatamente, ela precisa de suporte: uma fotografia, um quadro, um lugar, uma matéria de jornal, uma roda de conversa com pessoas que participaram do mesmo evento, da mesma luta e que juntas recompõem a história. Um bom exemplo de como uma reportagem de jornal/revista pode ser importante para a narração da história pode ser vista no documentário *Narciso em Férias* (Calil e Terra, 2020).

É tarefa do/a entrevistador/a, do/a Diretor/a estar muito atento/a às questões e aos seus objetivos, de forma a puxar os fios da memória. Elaborar as questões exige pesquisa prévia e preparação para o trabalho de campo, para as gravações. Nesse sentido, escolher bem a locação, o material de apoio, as pessoas que precisam ser convocadas, fará toda a diferença (Portelli, 1997).

A preparação para a entrevista inicia-se com a escolha dos sujeitos a serem entrevistados. Para a história oral, o critério é, eminentemente, qualitativo. A história oral, não raro, trata com pessoas extraordinárias, representativas. “Escolhe-se com quem conversar... Quem se quer ouvir” – que, normalmente, explicam melhor a realidade do que as estatísticas. Os entrevistados devem ser pessoas que conhecem o tema em questão, que possuem relevância política e social (Portelli, 1997).

Isso leva à compreensão ética do valor e da importância de cada indivíduo e de sua experiência², assim como já dissemos, da luta de classes. No caso de Seu Pedro, como dito acima, ele sintetiza em sua trajetória a história da luta pela terra, na segunda metade do século XX, e que é reveladora da própria história do Brasil.

As entrevistas secundárias são escolhidas a partir da narrativa de seu Pedro. Há, portanto, uma diferença grande entre narrar e descrever (Luckács, 2010). Na narração, os eventos, os sujeitos são trazidos por sua relevância no desencadeamento dos fatos.

Há que se destacar, todavia, que a trajetória das mulheres não aparece facilmente. É necessário buscá-la. Neste trabalho, fizemos questão de gravar também Dona Alberina, esposa de Seu Pedro, que participou ativamente da luta, trabalhou como alfabetizadora e como agente de saúde, no Acre, por muitos anos.

A entrevista também obedece a um preparo prévio. Portelli (1997) dirá: “sejam educados/as! Tomem café!”. É fundamental criar um ambiente de empatia, a história oral é a arte de ouvir; nós vamos até a casa de alguém, até seu assentamento, até o lugar onde ocorreu uma luta social e iniciamos uma conversa “Se estivermos abertos ao que as pessoas querem contar e não apenas ao que ‘queremos ouvir’, teremos muitas surpresas”. A orientação básica de Portelli é não seguir os manuais de trabalho de campo. A proposta é conversar, ouvir, falar de você; nas palavras de Paulo Freire: criar uma comunicação verdadeira (Freire, 2012), de forma que quando as pessoas estiverem convencidas de que você quer mesmo ouvi-las, a experiência de fazer história oral será muito impactante em sua vida.

É importante lembrar que “as pessoas sabem a diferença entre quem quer seduzi-las ou usá-las” (Portelli, 1997). *Boas maneiras* não significa dizer que seu interlocutor tem sempre razão. Não estamos “estudando” as pessoas, os sujeitos... Estamos aprendendo com eles/elas. Entender que quando nos colocamos a conhecer e repassar a história de alguém, a história de um tema por meio da lembrança individual, quem detém o conhecimento é o/a entrevistado/a. Verdade não é alinhar o compromisso do historiador com o “que realmente aconteceu”, tampouco enviar pela perspectiva pós-moderna de cair no sentido do discurso para o sujeito; cotejamos a memória, a lembrança, a subjetividade, com fatos razoavelmente comprovados. Cabe-nos uma interpretação sobre os fatos. Nessa perspectiva de apreensão da realidade, não cabe neutralidade. Assim, a participação do diretor/roteirista/editor e/ou pesquisador faz muita diferença (Portelli, 1997).

As questões feitas ao entrevistado merecem algumas observações: 1) existe um roteiro prévio, para o documentário, chamaremos de pré-roteiro; 2) tenta-se ativar a memória e não induzir a narrativa, encontrar mecanismos que deem suporte à memória, mas não tentar “tirar do sujeito a história que queremos”; 3) evita-se interrupções, pois a memória é como uma teia que vai sendo tecida em nossas mentes; à medida que lembramos de um fato, outro se avizinha, a interrupção pode fazer com que parte da história se esvaeça; mas atenção, é importante cuidar para não sair muito do tema que se quer documentar.

² Sobre a categoria *experiência*, um autor interessante de ser consultado é Thompson (2002, 2004). Um registro belíssimo da vida da classe trabalhadora pode ser visto em Engels (1986).

Escolher o local da entrevista é importante. No caso do documentário, esse local passará a ser a locação e, então, seu significado é fundamental. Como exemplos, no documentário *Pedro Rocha-Xapuri: A luta não para*, as locações foram: a casa, o terreno onde seu Pedro cultivava e o perímetro do assentamento “17 de Abril”; o sindicato dos trabalhadores rurais de Xapuri, Acre; a igreja de Xapuri; a área de preservação ambiental Chico Mendes, no Acre; a casa de Chico Mendes, o local onde seu Pedro morou, na Estrada velha de Brasiléia, no Acre. Estar nesses lugares, por si só, já ativa a memória, mas em muitos deles entrevistamos ainda outros sujeitos conjuntamente com Seu Pedro. Assim, as memórias vão surgindo na cadência da entrevista.

A edição, por sua vez, também é fruto de escolhas eminentemente políticas: responde a uma intencionalidade, a um argumento. No caso do documentário, obedece também à necessidade de contar uma história compreensível, em tempo determinado. Na edição de documentários, as imagens de corte (fotografias, recortes de jornal, detalhes da gravação feitos com a câmera auxiliar) são utilizadas para enriquecer o processo de edição e trazer novos elementos ao vídeo – complementam a informação. Muitas vezes, justificam a retirada de parte do conteúdo, pois são suficientes para explicitar os fatos. O tempo do documentário é muito importante: é necessário escolher um tempo no qual se consiga captar a atenção de quem o assistirá.

E, por fim, a devolução, que é uma obrigatoriedade. É imprescindível que os sujeitos envolvidos no trabalho tenham acesso ao conteúdo gerado a partir dele, antes que ele seja divulgado para o público.

Outro elemento importante para quem quer fazer documentários é, aos poucos, ir formando um repertório. O repertório pode e deve ser o conhecimento de outros documentários. Indicamos, por exemplo, os documentários *Pina* (Wenders, 2011) e *Dzi Croquettes* (Alvarez e Issa, 2009), que possuem roteiros belíssimos; toda a obra de Eduardo Coutinho (Mattos, 2013); toda a obra de Beto Novaes (Novaes, 2020).

Também livros de literatura possibilitam enriquecer e aprimorar o repertório. Um bom exercício é ver os roteiros adaptados para cinema, como por exemplo; *o Poderoso Chefão* (Coppola, 1972), adaptado do livro homônimo de Mario Puzo (1969); *Drácula de Bram Stoker*, (Coppola, 1992), que traz em seu título o nome da obra e do autor (Stoker, 1997); e *Apocalypse Now* (Coppola, 1979), adaptado de *Coração das Trevas*, de Joseph Conrad (2019).

Outros recursos são os clipes de música que conseguem traduzir em um roteiro a mensagem de uma determinada narrativa. Para o debate na educação popular, indicamos os das bandas O Rappa e Nação Zumbi. No que se refere à música, é importante conhecer o cancionário latino-americano, mas especialmente, o cancionário popular; ouvir poesia, ouvir e ler contadores de história, como Ariano Suassuna e Rolando Boldrin, ambos com muitos livros e vídeos disponíveis. Tornam-se fundamentais aqueles que se dedicam a ouvir o sujeito simples que traz consigo as complexas tramas da história universal em suas singularidades. Enfim, formar uma concepção estética faz diferença, buscar e articular os conhecimentos, experiências e sentidos.

Dito isso, é importante registrar que é necessário ter a ousadia de fazer. Sobre esse aspecto, uma inspiração é Kubrick e sua capacidade incrível de fazer cinema. Sobre ele, Climent (2013, p. 35) registra:

Kubrick, ao contrário de seus colegas, não vem da televisão, do teatro, da assistência de direção, da produção, do outro lado da câmera ou de uma escola de cinema. É um autodidata que aprendeu tudo *in loco*, que começou fazendo o que aparecesse para chegar ao controle absoluto do equipamento técnico mais sofisticado.

E continua, registrando um conselho do próprio Kubrick:

A melhor educação que se pode receber no cinema é fazer um filme. Eu aconselharia a qualquer diretor novato a tentar realizar um filme por si mesmo. Um curta-metragem de três minutos vai lhe ensinar muito. Sei que tudo o que fiz no início de minha carreira foi, em microcosmo, o que faço hoje como diretor e produtor (Gelmi, *apud* Climent, 2013, p. 35).

Adapte, use e reutilize

Nessa sessão, a proposta é socializar o percurso que seguimos para a construção do documentário *Pedro Rocha-Xapuri: A luta não para*. Como já foi dito, a primeira parte da preparação de um trabalho desta natureza é conhecer o que se documentará. E isso se faz com pesquisa e estudo. No caso desse documentário, o fato do Natra aqui envolvido já trabalhar, há muitos anos, em conjunto com seu Pedro, na extensão universitária, ajudou muito. Mas é possível também procurar assessores que ajudem na compreensão do tema e que possam balizar a construção do documentário. O segundo é estudar um pouco da técnica. Para isso, desenvolvemos oficinas de história oral e de documentário popular, de gravação e de edição. O passo seguinte é montar o pré-roteiro. É possível encontrar muitos tutoriais na internet sobre gravação e edição. E é sempre bom lembrar que os celulares de hoje têm mais tecnologia que as câmeras da década de 1970.

- ***Pré-Roteiro***

Para iniciar, fazemos um pré-roteiro simplificado. Ele não segue as regras de um roteiro de cinema propriamente dito. Iniciamos escrevendo o argumento, que é uma síntese do que irá ser documentado. Em seguida, pensamos as partes do documentário, o que conterà em cada uma delas e definimos o tempo de duração do documentário. Isso é muito importante, pois o tempo determina o quanto de material será mobilizado na gravação. Esse pré-roteiro é apenas um guia para as gravações, pois o roteiro final é feito após a coleta de todo o material: da gravação das entrevistas, da coleta das fotografias, da escolha da música e da trilha sonora.

Esse foi o pré-roteiro do nosso vídeo:

Pré-Roteiro do documentário “Pedro Rocha-Xapuri: A luta não para”

Título provisório: Pedro Xapuri – um lutador incansável.

Argumento: A trajetória política de seu Pedro Xapuri – do sindicato dos seringueiros, em Xapuri/Ceará ao assentamento “17 de Abril”, em Restinga. Um nordestino que andou por todo o Brasil percorrendo um caminho de lutas, formando sua família com Dona Alberina, o lutador incansável pelo direito ao trabalho, à justiça, terra, liberdade e um camponês que vive do seu trabalho na terra.

Proposta: Contar a história de luta de seu Pedro por meio da sua própria narrativa.

Tempo: 25 min.

Partes:

1) O Pedro menino. A vida no Nordeste e a saída do Ceará. (*buscar a mãe... as irmãs*). Menor parte (referência ao tempo que terá no documentário).

2) O Pedro trabalhador-político. O Pedro que luta pelo trabalho. O migrante a caminho do Acre para trabalhar nos seringais. A passagem por São Paulo e pela metalurgia. A retomada da ida para o Acre. O trabalho nos seringais. A organização do sindicato dos seringueiros. A história de Chico Mendes. (*Ênfase na Dona Alberina e as filhas*).

3) O Pedro na luta pela terra. Da passagem do sindicato dos seringueiros ao Movimento de Trabalhadores Sem-Terra (MST). A ocupação e o assentamento “17 de Abril”. Mostrar a fazenda Boa Sorte, a estrada de ferro, a ascensão e decadência do café e a ascensão da cana. O Pedro camponês. A conquista da terra. A organização do sítio. O plantio das árvores. A construção da casa. A produção na terra (*Ênfase em Dona Alberina e as filhas*).

- *Observações:*

1) Registrar: histórias engraçadas do processo: os contos, os causos. Por que lutar? Em que condições lutar? Como organizar a luta? Com quem organizar a luta? O que significa o Natra? E uma Mensagem para as próximas gerações. 2) existe outro filme sendo feito no momento, é importante não nos sobrepormos.

Para a gravação: Gravar entrevistas na varanda, embaixo de árvores, pela casa contando a história, em movimento. Gravar a história produtiva do sítio caminhando por ele. Gravar o cotidiano: o almoço, o trabalho na roça, a venda dos produtos na Universidade.

Para nós, o documentário deveria tentar buscar a história de luta e de trabalho do Seu Pedro, sem perder de vista as mulheres que compõem essa história.

- *Filmagem*

Um dia antes de iniciar as filmagens, fomos até a casa de seu Pedro para ver como filmaríamos. E preparamos os estudantes para as filmagens. A preparação foi feita em uma oficina na qual conversamos sobre os elementos que estão registrados nesse texto, mas especialmente, sobre como captar as imagens e sobre fotografia. Aqui alguns elementos como luz/sombra; composição do quadro da fotografia, merecem a atenção. Conversamos também sobre captação de áudio. Normalmente, o áudio é um ponto de tensão, pois se ele se perde, perdemos todo o material. O

contrário é mais fácil de resolver, se temos o áudio, mas não a imagem, podemos utilizar imagens de corte e resolver o problema.

Organização do trabalho de campo:

Para essa gravação, dividimo-nos nas seguintes funções:

1- Entrevista: duas pessoas;

2- Câmeras: eram cinco, cada uma com uma pessoa; (é possível fazer com uma única câmera, ou mesmo com o celular, mas se tiver duas câmeras ajuda muito). No nosso caso, usamos duas câmeras fixas, uma frontal e outra lateral; uma câmera de corte; uma câmera de vídeo para bastidores e uma câmera para fotografias de todo o processo;

3- Áudio: é fundamental que uma pessoa se dedique a ele. A captação de áudio deve estar na câmara principal. No nosso caso, era a câmera fixa frontal. A tarefa de quem fica, durante toda a gravação, escutando o áudio é verificar a qualidade e avisar caso tenha algum problema, como excesso de ruído, por exemplo, para que as gravações sejam paralisadas. É importante gravar também o som ambiente, ele será usado para a trilha sonora e, se necessário em emendas de áudio, durante o processo de edição. Se possível, é interessante fazer uma segunda captação de áudio com um equipamento que não seja a câmera principal.

4 – Luz: usamos Led para fazer a iluminação e um rebatedor de luz, é possível fazer rebatedores caseiros, (mas se isso não estiver à disposição é importante observar como a iluminação está ocorrendo na imagem gravada), buscar lugares em que se tenha uma boa iluminação, ou utilizar luminárias, lanternas para trabalhar a luz, vai fazer diferença no resultado final – não deixe para resolver esses problemas na edição.

5 – Assistente de Produção: tivemos um assistente de produção, responsável por recarregar as baterias; descarregar as memórias no computador e organizar o material de gravação. É fundamental que alguém se ocupe dessa tarefa. A organização do material vai poupar muito tempo da edição, e, sobretudo, impedir que o trabalho de campo seja perdido.

Observação importante: para todo o material, fizemos uma cópia de segurança. É importante ter memória suficiente para o projeto no computador ou em HD's extras.

Se for utilizar mais de um equipamento de filmagem, é prudente observar se os equipamentos têm a mesma qualidade de gravação. Se for celulares, seria importante terem a mesma resolução de imagem, se forem câmeras digitais, que estejam sincronizadas. Para iniciar a gravação, batemos uma palma forte, ela serve para fazer as vias de claquete e ajuda a sincronizar o áudio na edição. É bem importante ter baterias extras, memória suficiente, e extensão para ligar o equipamento no trabalho de campo, muitas vezes não sabemos as condições que encontraremos de tomadas, por exemplo. Preparar todos para ficarem em silêncio e gravar.

Durante as gravações no assentamento, tínhamos também uma equipe de cozinha para auxiliar na preparação das refeições. Este foi um cuidado no sentido de não sobrecarregar a família com a preparação da comida, considerando que a equipe era composta de 21 pessoas e que ficávamos todo o dia no local.

O plano inicial era fazer as gravações no assentamento “17 de Abril”, na casa de Seu Pedro e em todo o território. Nos intervalos de gravações do primeiro dia, descobrimos que Seu Pedro iria à Xapuri, Acre, naquele ano, pois haveria um evento em memória dos 30 anos do assassinato de Chico Mendes. Não tivemos dúvida: fomos com seu Pedro para o Acre. Isso modificou bastante o desenho das locações que tínhamos para o documentário, mas ampliou as possibilidades de apresentar a história. No Acre, percebemos que seu Pedro não fora seringueiro e sim colono. Ele se juntou à luta dos seringueiros, por sobrevivência, e pela preservação da floresta.

- *Edição*

As gravações foram realizadas no período de 3 dias no assentamento “17 de Abril”; uma semana no Acre e um dia na Unesp/Franca. Reunimos todo esse material para a montagem e edição. A divisão do tempo do vídeo ficou da seguinte forma:

Abertura/ introdução: cenas iniciais e apresentação do título - 1 min.;

Primeira parte: infância e caminho até chegar ao Acre - 5 min.;

Segunda parte: subdividida: a) processo de luta no Acre até o assassinato de Chico Mendes - 5 min.; o assassinato de Chico Mendes – que é a justificativa para seu Pedro sair do Acre. Funcionava, para nós, na edição, como um momento de pausa para o documentário, assim, ele é considerado um ponto forte - 2 min; A saída de seu Pedro do Acre e a chegada em São Paulo seria um momento de inflexão na narrativa - 2 min; e finalizaria esta parte;

Terceira parte: inicia-se com a ocupação da terra e tem seu ponto forte na conquista do assentamento, e a partir daí a narrativa passa a ser a vida no assentamento, as conquistas e reflexões - 8 min. e o encerramento em 2 min.

Ao todo, o documentário estava previsto para 25 minutos.

Com essa divisão de tempo, as entrevistas, imagens, trilha sonora e músicas foram sendo tecidas e o roteiro final foi aparecendo diretamente no processo de edição. Para cada parte, fomos escolhendo qual trecho das entrevistas seria utilizado. As canções do documentário são todas músicas do MST e a trilha sonora foi captada por nós. No final, conseguimos chegar em 30 minutos de edição, não conseguimos cortar mais. Sobre edição, dois livros são muito interessantes: *Num piscar de olhos* (Murch, 2001) e *Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo* (Dancyger, 2007). Um vídeo interessante sobre a tarefa da edição chama-se *O que faz um editor de vídeo*, da AdRev for A 3rd Party (2004). O vídeo tem 2 minutos de duração e sintetiza a tarefa de edição.

- *Apresentação*

Uma vez feita a primeira versão do documentário, apresentamos para Seu Pedro e Dona Alberina. Em seguida, finalizamos a edição e iniciamos os ciclos de apresentação e debate. Apresentamos o documentário no Assentamento “17 de Abril”, em 14 de setembro de 2019. Seguiram-se apresentações em Franca e no Rio de Janeiro.

Reescrevendo a palavra (e o mundo): aprendizados para a formação profissional

A experiência de fazer um documentário popular, somada às vivências dos assentamentos, de parte significativa da história de lutas do povo brasileiro, traz para a formação em Serviço Social uma outra percepção das expressões da questão social.

Na proposta de formação em Serviço Social, a perspectiva de totalidade na abordagem da questão social está prevista nas Diretrizes Curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (Abepss), e isto é fundamental. No entanto, numa sociabilidade extremamente fragmentadora e urbanocêntrica, um conjunto de determinações sociais que compõem a questão social e que são decorrentes da questão agrária, nem sempre são apreendidas na formação. E estas são mediações fundamentais para o entendimento da realidade (Sant'Ana, 2019). Nesta experiência de trabalho, a apreensão da questão agrária como uma das particularidades que compõem a questão social explicita-se durante quase todo o processo: a fome e a luta pela sobrevivência no campo, o desenraizamento, a criminalização das lutas sociais, a concentração fundiária, a destruição ambiental e a resistência dos povos da floresta e dos camponeses e camponesas. É a experiência viva de captar as mediações que trazem as questões agrária e ambiental para o cotidiano profissional e que se expressam no campo e na cidade.

Outro elemento importante: a participação em trabalhos assim vai formando uma concepção de estética e de trabalho popular e, aos poucos, também desenvolvendo a criatividade e a imaginação. Desenvolve o gosto pela sistematização, pelo registro (Mioto, Teixeira, 2006) tão fundamentais no exercício profissional, mas tão relegado também na imediatividade do cotidiano (Coelho, 2010). A preparação para o trabalho pode ser também um bom exercício de planejamento e a devolução do trabalho uma boa forma de se ensinar avaliação.

Referências

ADDOR, Felipe. **Teoria democrática e poder popular na América Latina: contribuições a partir das experiências de Cotacachi/Equador e Torres/Venezuela**. Florianópolis: Insular, 2016.

ADDOR, Felipe. TEIXEIRA, Leile. **Inventamos ou erramos: poder popular em Torres-Venezuela**. Rio de Janeiro, 2018, 25". Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xwXBeYIXfYw> . Acesso em: 01 nov. 2020.

AdRev for A 3rd Party. **O que faz um editor de vídeo**. 2". (2004). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PIFfljdq37g>. Acesso em: 01 nov. 2020.

ALVAREZ, Raphael e ISSA, Tatiana. **Dzi Croquettes**. 2009. 98". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OGrIMj-4UWc>. Acesso em: 01 nov. 2020.

BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas – Magia e Técnica, arte e política**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

- BRAM, Stoker. **Drácula**. São Paulo: Companhia das Letras (1997).
- CALIL, Ricardo e TERRA, Renato. **Narciso em férias**. 83". 2020. Disponível na Globo Play.
- CLIMENT, Michel. **Conversas com Kubrick**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- COELHO, Marilene A. Imediaticidade na Prática Profissional do Assistente Social. *In*: FORTI, V.; GUERRA, Y. **Serviço Social: temas, textos e contextos – coletânea nova de Serviço Social**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.
- CONRAD, Joseph. **Coração das Trevas**. São Paulo: UBU, 2019.
- COSTA. Emília Viotti. **A abolição**. 9.ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- COUTINHO, Eduardo. **Cabra Marcado para Morrer**. (1964-1984), 119". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HGSRLIs8BGw>. Acesso em: 01 nov. 2020.
- COPPOLA, Francis Ford. **O poderoso Chefão – I**. 1972.
- COPPOLA, Francis Ford. **Apocalypse Now**, 1979.
- COPPOLA, Francis Ford. **O Drácula de Bram Stoker**. 1992.
- DANCYGER, Ken. **Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo- história, teoria e prática**. 4.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global editora: 1986.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2004
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.
- FREIRE, Paulo. Princípios do Trabalho Popular. *In*: PELOSO, Ranulfo (org.). **Trabalho de Base (seleção de roteiros organizados pelo Cepis)**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- GRYZBOWSKI, Cândido. **O testamento do homem da floresta**: Chico Mendes por ele mesmo. Rio de Janeiro: FASE, 1989.
- LEONARDI, Victor. **Entre árvores e esquecimento. A modernidade e os povos indígenas no Brasil. História social dos sertões**. 2.ed. Brasília: Editora Universitária de Brasília/ Pararelo 15. 2016.
- LIMA, Rafaela. **De quando em vez**. 2017. 16". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sb2FG10ZNVc>. Acesso em: 01 nov. 2020.
- LUKÁCS, György. Narrar ou descrever. *In*: **Marxismo e teoria da literatura**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular. 2010.
- MAB. **Energia do Sol, Tecnologia do Povo**. 2011. 10". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bPRbF8kB4YQ&t=2s>. Acesso em: 01 nov. 2020.
- MATTOS, Carlos Alberto. **Sete faces de Eduardo Coutinho**. São Paulo: Boitempo: Itaú Cultural: Instituto Moreira Salles, 2019.

MIOTO, R. C. e NOGUEIRA, V. M. R. “Sistematização, Planejamento e Avaliação das Ações dos Assistentes Sociais no campo da Saúde”. *In: Serviço Social e Saúde: formação e trabalho profissional*. SP: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2006, p. 273-303.

MOURA, CLÓVIS. **Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas**. 5.ed. São Paulo: Anita Garibaldi coedição com a Fundação Maurício Grabois, 2014a.

MOURA, CLÓVIS. **Dialética radical do povo negro**. 2.ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois co-edição com Anita Garibaldi, 2014b.

MURCHI, Walter. **Num piscar de olhos - a edição de filmes sob a ótica de um mestre**. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

NOVAES, BETO. **Obra completa**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/FilmografiaBetoNovaes/playlists>

NEVES, Delma Pessanha e MEDEIROS, Leonilde Servolo. **Mulheres Camponesas, trabalho produtivo e engajamento político**. Niterói: Alternativa, 2013.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *In: Projeto História*. São Paulo, 1997, v.15, p.13-49. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>. Acesso em: 01 nov. 2020.

PUZZO, Mário. **O poderoso Chefão**. 23.ed. São Paulo: RECORD. 2016.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil. A história do levante dos Malês em 1835**. 3.ed. Revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização. A integração das populações indígenas no Brasil Moderno**. São Paulo: Global, 2017.

RODRIGUÊS, Gomercindo. **Caminhando na Floresta**. Rio Branco-AC: EDUFAC, 2009.

TOMPSSON, E.P. **A formação da classe operária Inglesa II. A maldição de Adão**. 4.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

ROCHA, Stefany. **17 de abril: as marcas de um massacre**. Unissinos, 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588453-17-de-abril-as-marcas-de-um-massacre>. Acesso em: 01 nov. 2020.

SACRAMENTO, Paulo. **O prisioneiro da grade de ferro**. 2003. 123”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dllv7Pg5Ud0&has_verified=1. Acesso em: 01 nov. 2020.

SANT' ANA, Raquel Santos, Diretrizes curriculares da ABEPSS e a questão agrária. **Temporalis**. v. 19. n. 37(2019). ABEPSS. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/24060>. Acesso em: 01 nov. 2020.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia transformando a campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 2015.

TEIXEIRA, Leile e LIMONTI, Marcos. **Pedro Rocha-Xapuri: a luta não para**. Rio de Janeiro/Franca 2019. 31". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EY0hXVkiIXI&feature=youtu.be> Acesso em: 01 nov. 2020.

TEIXEIRA, Leile. LIMONTI, Marcos, e TEIXEIRA, Rodrigo. **Abepss 70 anos**. Rio de Janeiro-Franca. 2016. 93". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j1f9a_9NLIw&feature=youtu.be, Acesso em: 01 nov. 2020.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária Inglesa I – A árvore da liberdade**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária Inglesa II – A maldição de Adão**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

WENDERS, Win, **Pina**. 106". 2001